



Ana Loya
Administradora
da Ray Human
Capital

O nosso “Ovo de Colombo”

O número apontado como possibilidade para o total de desempregados em Portugal no final deste ano é de 900 mil. Elevado, mas tudo leva a crer que estará próximo da realidade. Refletir sobre a inversão desta tendência é um exercício maniqueísta: ou é muito fácil, porque basta resumir tudo o já foi dito nos últimos tempos, ou é muito difícil, se se quiser pensar *out of the box* e procurar soluções. Parece que as civilizações se destroem a si mesmas, basta ver a história. Será o que nos está a acontecer? Somos testemunhas do fim de algo e, portanto, podemos ser agentes do início de outra coisa. Refletir sobre Portugal sem olhar para o mundo em redor pode ter uma conotação salazarista de “orgulhosamente sós”. Ainda não estamos sós (mas quase) e, orgulhosamente também já não (embora pareça). É difícil e doloroso fazer previsões sobre o país. Em termos mundiais, o sistema económico, de tão virtual, começa a esbater-se na nuvem. Os modelos que prevaleceram no último século, com *upgrades* e gurus mas com a mesma raiz, estão obsoletos. Saber o que está para vir e como controlar a situação é o “ovo de Colombo” dos nossos dias. Estas medidas financeiras e fiscais têm de ser tomadas. Somos gente de bem que paga o que deve. E estão também previstas outras medidas de cariz social, mas que temo serem insuficientes para o que aí vem. O nosso desemprego tem muitas caras e não é possível abordá-lo da mesma forma. De certo que os centros de emprego continuam a ter centenas de ofertas que ninguém quer. Somos um país de agricultores com áreas imensas por arar, um país de mar sem barcos adequados, um país de turismo com serviços muito mais caros que noutros locais concorrentes. 900 mil desempregados no final de 2011 é uma forte probabilidade que não parece poder ser invertida.